

## CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E TELEVISÃO

Suelyn da Silva Goulart<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo apresenta o conceito de consciência histórica formulado pelo professor e pesquisador alemão Jörn Rüsen, para em seguida associá-lo a produção televisiva. Para tanto, defende o uso da televisão como material didático-pedagógico auxiliar para o ensino de História. Isto porque a pesquisa que este artigo integra defende a capacidade dos programas de televisão em despertar, ampliar e cultivar a consciência histórica dos telespectadores. No caso do Brasil, especificamente, o papel histórico da televisão nos destinos políticos, sociais e econômicos tem destaque.

Palavras-chave: Ensino de História. Consciência histórica. Televisão. Jörn Rüsen.

### Abstract

This article presents the concept of historical consciousness formulated by the German professor and researcher Jörn Rüsen, and then associates it with television. To this end, it defends the use of television as auxiliary didactic-pedagogical material for the teaching of history. This is because the research in this article defends the ability of television programs to awaken, broaden and cultivate the historical awareness of viewers. In the case of Brazil, specifically, the historical role of television in political, social and economic destinations is highlighted.

Keywords: Teaching History. Historical consciousness. TV. Jörn Rüsen

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Ensino de História pelo Colégio Pedro II, graduada e licenciada pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professora da rede municipal de Teresópolis.

O impulso desse trabalho vem da relevância da TV na sociedade brasileira, mesmo com o advento das tecnologias ligadas a internet, como smartphones, tablets e computadores. Segundo o PNAD/IBGE 2015<sup>2</sup> o acesso à televisão se aproxima do que chamamos de universal, na medida que 97,1% dos lares brasileiros possuem o aparelho de televisão com acesso a canais abertos ou por assinatura.

Outro elemento é o poder de atração exercido pelas mídias sobre as pessoas, seja pela simples explosão de cores e movimentos, que atraem as crianças, ou pelo conteúdo em si veiculado, que conquista adolescentes, jovens e adultos. Reportagens, novelas, documentários, séries, propagandas e a diversidade de produções geram reconhecimento, desejo de pertencimento, interesse e curiosidade por parte dos indivíduos. Diante disso, a escola não pode estar alheia as mídias em geral e a televisão, em particular.

Contudo, o uso da televisão não pode ser ingênuo. A atuação dessa mídia junto a sociedade brasileira contribuiu para a definição dos destinos sociais e políticos, ao longo de seus mais de 67 anos de história. Puxar a TV para dentro da sala de aula, além de contribuir para o crescente interesse dos alunos pela escola, também pode fomentar o entendimento dos conceitos de processo histórico e sujeito histórico, proporcionando aos discentes a compreensão da televisão como um dos sujeitos participantes dos processos históricos, dos quais os estudantes também fazem parte

A presença da televisão na escola e na sala de aula também tornará presente a escola e as aulas nos momentos em que os estudantes estiverem em casa, diante da TV, por possibilitar rememorar as relações e discussões fomentadas pelo professor, levando à reflexão do conteúdo veiculado e não apenas a aceitação e assimilação passiva e acrítica do mesmo.

Defender uma relação reflexiva e crítica com a televisão e sua inserção no planejamento de aula pode parecer mais do mesmo, lugar comum, no entanto, precisamos nos impor os seguintes questionamentos:

É realmente frequente o uso da televisão e de outros recursos no planejamento e no cotidiano escolar? Para quais pessoas ou grupos sociais é óbvia a necessidade de questionar e refletir sobre o que é veiculado na televisão? Qual o percentual de espectadores entende o

---

<sup>2</sup> 1 Dados referentes a televisão estão em IBGE. Pesquisa Nacional por amostras de domicílios - PNAD, 2015. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/brasileiros-assistiram-mais-de-6-horas-de-tv-por-dia-em-2016-aponta-kantar-ibope-media/>. Acesso: 02/09/2017 2 IBGE. Pesquisa Nacional por amostras de domicílios - PNAD, 2015. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/pnad.asp>. Acesso: 27/08/2017 10

conteúdo televisivo como algo intencionalmente produzido, para um fim determinado, a serviço de grupos e interesses pessoais, econômicos e políticos? Onde, quando, e como instrumentalizar crianças, adolescentes e jovens a ter uma relação reflexiva e crítica daquilo que assistem na televisão? Como o professor pode utilizar do conteúdo televisivo em suas aulas?

Múltiplos são os questionamentos e, embora já existam algumas respostas, estas estão em constante reelaboração e muitas outras surgem a partir de diferentes perspectivas de análise.

Neste trabalho, queremos contribuir com a apropriação do conceito de consciência histórica de Jörn Rüsen para refletir o papel da televisão como componente na construção e no despertar da consciência histórica dos estudantes. Para tanto, inicialmente, vamos apresentá-lo para, em seguida, relacioná-lo ao uso da televisão em sala de aula.

## CONSCIÊNCIA HISTÓRICA SEGUNDO JÖRN RÜSEN

Segundo Jörn Rüsen (2010b, p. 53), a consciência histórica é constituída nas situações genéricas e elementares da vida prática, nas experiências e nas interpretações dessas experiências e do tempo feitas pelas pessoas. Tem em seu cerne, portanto, o pensamento histórico, que se difere do pensamento científico, embora ainda assim seja história, por esta não se reduzir a objeto da ciência histórica.

É importante destacar a existência de campos dentro da história em sentido amplo, onde estão inseridos o pensamento histórico elementar cotidiano, prático e o pensamento histórico como instância científica, ambos são fundamentais para entender o que é consciência histórica. Pois, “o homem não pensa porque a ciência existe, mas ele faz ciência porque pensa”. (RÜSEN, 2010b, p. 54)

Uma vez estabelecida esta distinção, que também é uma ligação entre os usos e as práticas da história, pode-se concluir que pesquisar a consciência histórica é analisar os processos mentais genéricos e elementares de interpretação do mundo, do tempo e de si mesmo pelos homens, que ocorrem na vida cotidiana. Nesse sentido, Cerri (2014, p. 27-28) depreende que

[...] a consciência histórica não é meta, mas uma das condições da existência e do pensamento: não está restrita a um período da história, a regiões do planeta, a classes sociais ou a indivíduos mais ou menos preparados para a

reflexão histórica ou social. Para isso a “história” não é entendida como disciplina ou área especializada do conhecimento, mas como toda produção de conhecimento que envolva indivíduos e coletividades em função do tempo.

A análise de Cerri reafirma a amplitude da história, para além do conhecimento científico, coloca o pensamento histórico como condição da existência humana, assim como a consciência histórica, prática comum aos seres humanos, forma de organizar e interpretar as experiências, dar sentido ao agir e ao estar no mundo

Rüsen (2010b, 78-79) afirma que,

A consciência histórica não é algo que os homens podem ter ou não – ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens. A consciência histórica enraíza-se, pois, na historicidade intrínseca à própria vida humana prática. Essa historicidade consiste no fato de que os homens, no diálogo com a natureza, com os demais homens e consigo mesmo, acerca do que sejam eles próprios e seu mundo, têm metas que vão além do que é o caso.

Como algo universal e ao mesmo tempo individual, a consciência histórica é construída ao longo da vida, e articula passado, presente e cria expectativa de futuro, orientando e dando sentido às ações no mundo e no tempo. É, portanto, uma constante de elaboração e reelaboração das experiências, uma constante de interpretação do passado para interpretar, reinterpretar e agir no presente, gerando uma expectativa de futuro.

Por ser criada na vida prática e, ao mesmo tempo, orientar as interpretações e ações das pessoas no processo da vida humana a

[...] consciência histórica é a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar intencionalmente, sua vida prática no tempo. (RÜSEN, 2010b, 57)

A experiência no tempo gera a divergência entre tempo como experiência e tempo como intenção. A partir da interpretação da experiência no tempo passado os seres humanos agem no presente e criam uma expectativa, uma intenção em relação ao futuro, o que gera uma “orientação do agir humano no tempo”. Nessa perspectiva, a consciência histórica pode ser vista como uma constituição do sentido da experiência do tempo, e sentido é a conjugação dos pontos de vista que estão na base das decisões que visam um objetivo.

O pensamento histórico e o conhecimento histórico são, ambos, tempo ganho, na medida em que agilizam ou melhoram a interpretação do mundo e de si mesmo, melhor direcionam o

agir, controlam a contingência e reduzem a perturbação pela passagem do tempo e a imprevisibilidade do futuro. Ajudando os seres humanos a transformar o tempo natural em tempo humano.

Mas como é possível conhecer, identificar e acessar as operações mentais que constituem a consciência histórica e distinguir os elementos que a influenciam? Como perceber os elementos do passado, do presente e as intenções futuras? Como compreender as relações de sentido e a percepção de tempo?

A consciência histórica se materializa na narrativa. Por meio dela se manifestam a experiência no tempo, expressão da consolidação das interpretações do passado, das circunstâncias do presente e das intenções de ação no futuro. A narrativa constitui uma imagem possível para acessar a consciência histórica. No entanto, nem toda narrativa expressa a consciência histórica. Segundo Cerri (2014, p. 49),

Não toda e qualquer narrativa, mas especificamente a que orienta ou quer orientar elementos e momentos da vida prática. Narrativa e orientação são termos contíguos quando entramos na busca de evidências empíricas da consciência histórica.

Três elementos podem ser identificados e, portanto, caracterizarem a narrativa histórica como expressão da consciência histórica. São as lembranças, continuidade e identidade.

Rüsen (2010c) aponta como caminho para ampliação da compreensão sobre o que de fato é história em seus aspectos acadêmicos ou prosaicos. Em seguida indica a valorização da teoria como construção formal para vivência da história e, também para a pesquisa, ensino e aprendizado.

Para realizar e consolidar o aprendizado histórico é necessário recorrer e articular os diferentes processos e instâncias da História, como ciência, ensino, didática e vivência, porque “os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel”. (RÜSEN, 2010a, p.70)

Observando a formação e o uso da consciência histórica pelos indivíduos podemos relacioná-la ao conhecimento histórico. O conhecimento por si só, sem as conexões de memória, continuidade, identidade e sentido, não constitui a consciência histórica.

Tal afirmação nos faz pensar que o presente trabalho não somente se insere no campo de ensino de história. Porque pretendemos debater o uso da televisão em sala de aula, que é,

sem dúvida, uma instância de aprendizado histórico fora da escola, para assim, podermos direcionar esse aprendizado com método e racionalidade históricos.

Como já vimos a televisão, que chegou ao Brasil em 1950, contou com muito incentivo das iniciativas pública e privada para se consolidar como meio de comunicação mais popular e de forte penetração no imaginário social brasileiro. Por esse motivo, muitos professores e pesquisadores consideram o conhecimento, a presença e o debate sobre a TV na escola fundamental.

Vamos ver, então algumas possibilidades sistematizadas do uso da televisão em sala de aula, para em seguida discutir a presença da televisão na consciência histórica dos estudantes e seu uso para despertar e transformar essa mesma consciência.

## O USO DA TELEVISÃO EM SALA DE AULA

As trajetórias históricas da televisão e da escola são muito distintas. A criação, o desenvolvimento e penetração social de cada uma se deu em momentos e de formas muito diferentes. A TV, desde o princípio incentivada e financiada pela elite e pelo governo, cresceu e se consolidou em poucas décadas. Como meio de comunicação, que passou a atingir um número cada vez maior de pessoas, chegou a quase totalidade dos lares no Brasil, tornou-se também instrumento de interesse tanto do setor produtivo como do Estado e dos políticos. Isto fez a televisão se transformar numa esfera de poder, de controle, de propagação de ideias, uma vitrine.

A escola e a educação, por outro lado, enfrentaram e enfrentam, ao longo da história do Brasil, obstáculos ao seu desenvolvimento e popularização. Restringir a educação sempre foi elemento de diferenciação e poder para as classes abastadas e de controle e restrição da população em geral.

No entanto, demonizar a televisão e apartar estas duas esferas fundamentais da sociedade brasileira não contribuiria em nada para a melhoria de cada uma delas ou para a instrução da população em geral. Melhor caminho seria conjugá-las, o que o levaria a uma melhor aceção e desenvolvimento de ambas.

Ao longo da história as inúmeras sociedades humanas experimentaram e expressaram-se através da oralidade, da escrita e das imagens. O final do século XIX e o início do século XX, no entanto, proporcionaram a ascensão e a explosão do universo imagético, transitando da

imagem estática, veiculada em jornais, revistas, panfletos, à imagem em movimento, veiculadas pelo cinema e pela televisão. E hoje, ainda, pela internet e mídias digitais.

No desenrolar do século XXI, a escola não pode se furtrar ao uso da televisão e de todos os recursos nela contidos, como a linguagem, imagem, sons e conteúdo.

Por isso é legítimo levar a televisão, fenômeno das sociedades contemporâneas, para dentro da escola e utilizá-la como fonte de aprendizagem, trazendo a sociedade, os interesses, os desejos e as novidades para dentro da sala de aula, despertando curiosidade e a vontade de conhecer nos estudantes.

Muitos autores já refletiram sobre o uso da televisão em sala de aula e sua contribuição para a educação. Embora alguns autores, anteriormente citados, evidenciem na televisão seu caráter apenas de entretenimento inútil e alienante, há quem perceba o grau de penetração da televisão na sociedade e a importância de se construir interpretações e críticas sobre esse meio de comunicação.

Para Napolitano a mídia se tornou um campo social que emana por meio de seu conteúdo informações e mensagens capazes de criar experiências e influenciar identidades. A abrangência desse campo possibilitou atingir todos os sujeitos, inclusive os que se julgam isentos, por não assistir TV. Porém, mesmo sem assistir, convivem com pessoas imersas no universo e nas experiências proporcionadas pela televisão e consomem os produtos materiais e imateriais promovidos pela TV. As pessoas que não conseguem perceber seu nível de imersão no universo televisivo e as que se consideram totalmente autônomas e isentas dessa influência, constituem o grupo que não sabe estabelecer fronteiras entre as experiências relacionadas ou não às mídias. Para este mesmo grupo se torna mais complicado estabelecer uma relação crítica ou reflexiva com o conteúdo televisivo.

Para usar a televisão em sala de aula o primeiro passo, segundo o autor, é constatar o grau de midiabilidade dos estudantes e estabelecer um projeto a partir dessa informação. Refletir sobre a influência da mídia, fornecer aos estudantes pressupostos teóricos, discutir as formas de recepção (escapismo, alienação e conformismo), articular programas, conteúdos e habilidades. (NAPOLITANO, 1999, p. 12-13)

A concepção de televisão apresentada aos estudantes pode trazer toda a complexidade deste fenômeno, levando em conta a produção, a veiculação do conteúdo e a recepção. Napolitano (1999, p. 15-16) destaca quatro categorias que classificam e relacionam o conteúdo e o telespectador. São elas: o conteúdo como mercadoria e o telespectador como consumidor;

o conteúdo como sociabilidade e o telespectador como cidadã; o conteúdo como comunicação e o telespectador como decodificador; e o conteúdo como cultura e o telespectador como fruidor. Esta abordagem leva a percepção das formas psicossociais de ver TV.

Aos docentes abre-se a possibilidade de fazer o adolescente perceber como e quando está encarnando cada uma dessas posturas (consumidor, cidadão, decodificador e fruidor), ou mais de uma delas ao mesmo tempo, ter a consciência do grau de midiabilidade na vida de cada um e permitir a elaboração de uma nova forma de se relacionar com a TV. Segundo o autor, “[...] o peso de cada uma delas (as categorias) é que pode variar conforme o indivíduo, o grupo, a classe ou mesmo a nacionalidade em questão.” (NAPOLITANO, 1999, p. 15- 16)

Discute-se muito a relação entre grau de instrução formal, de domínio da palavra escrita e dos conteúdos tradicionais da escola com a forma de recepção dos conteúdos televisuais. Interroga-se se seriam elementos determinantes ou não. Embora a formação, o domínio da escrita e o conhecimento escolar possam influenciar na recepção, acreditamos que valores, tradições, contexto familiar e outros elementos socioculturais e morais também influenciem na recepção e valoração dos conteúdos televisivos.

Glaucia Guimarães (2001, p. 17-22) em sua dissertação também se preocupou com uso da televisão em sala de aula. Em sua análise, se discute a transformação da escola como espaço de “não-prazer” e “não-satisfação”, que leva ao crescente desinteresse das crianças ao longo da vida escolar. A produção cinematográfica e de propaganda também se inserem no discurso reafirmando ideias como liberdade ao sair da escola, alegria ao tocar o sinal e tédio ao voltar às aulas.

No entanto, a autora acredita, assim como nós, que “[...] a escola pode, e talvez deva ser espaço da alegria, da satisfação, sem perder de vista seus objetivos e muito menos deixar de exercer sua função social.” (GUIMARÃES, 2001, p.23).

Contudo, para a escola conjugar conhecimento formal, formação crítica, cidadania, alegria e prazer se faz necessário levar em conta a realidade do aluno, questão exaustivamente tratada por diversos autores, entre eles Paulo Freire e Maria Teresa Nidelcoff. (GUIMARÃES, 2001, p. 24)

Mas, quais elementos materiais e imateriais compõem a realidade do aluno? Por meio das ideias de Nilda Teves Ferreira, George Sorel e outros, é problematizada a valorização de elementos empíricos em detrimento dos elementos imaginários, simbólicos e mitológicos. É neste ponto que televisão, segundo a autora, pode ajudar a escola, pois a linguagem televisiva

leva em consideração o imaginário, o emocional, o simbólico para atingir e mobilizar sua audiência, diferente do discurso autoritário presente em muitas salas de aula. (GUIMARÃES, 2001, p. 25-27).

Assim, uma das formas de usar a televisão em sala de aula se centraria na linguagem. Na transformação da linguagem escolar pela linguagem televisiva, ligada ao prazer, a realidade e ao imaginário dos estudantes. Recorrendo aos mecanismos e estratégias da televisão para desse jeito, reverter, ao menos, uma das causas do fracasso escolar, da insatisfação e dos desinteresses dos estudantes.

É chegada a hora de ligar os pontos. É possível e proveitoso usar a televisão na sala de aula? A televisão, meio de comunicação com muitas interações e interseções com a nossa sociedade, teria uma aplicabilidade proveitosa e frutífera para (usando as expressões de Rüsen) a didática da história e ofereceria alguma contribuição para a consciência histórica dos estudantes? Vamos refletir um pouco mais, incluindo considerações sobre o campo de ensino de história, muito debatido nos dias de hoje.

#### USAR A TELEVISÃO PARA O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Refletir e escrever sobre consciência histórica e televisão, aplicadas a sala de aula, é falar sobre ensino de história e as transformações desse campo de conhecimento ao longo do tempo. A história consta como disciplina do currículo escolar desde o século XIX, naquele momento se estabeleceram métodos, parâmetros e conteúdos para o ensino de história como disciplina escolar. Um modelo reprodutivista e enfadonho, que perdurou ao com o passar dos séculos e mesmo hoje, com muitas críticas, subsiste.

No Brasil o ensino de história passou por muitas fases, mas durante o século XIX e grande parte do XX seguiu o script tradicional e positivista, com foco na história europeia. Em seguida a preocupação caiu sobre a formação da nacionalidade e da identidade brasileira. Ainda assim se manteve uma matriz europeia como pano de fundo e os métodos tradicionais reprodutivista.

Durante a ditadura militar, a História foi inserida no campo dos estudos sociais. A sociedade, já na década de 1980, havia passado por transformações significativas e o ensino de história, em seu currículo, livro didático e, principalmente em suas metodologias de ensino

começava a ser criticado com intensidade. Era um momento de abertura política no país onde se constituiu como campo de pesquisa o ensino de história.

As reestruturações curriculares objetivavam destacar professores e alunos como sujeitos históricos e produtores de conhecimento, desconstruindo as formas tradicionais de ensino. É importante frisar que as mudanças na lei, no currículo e nas metodologias tinham um alcance menos amplo do que se desejava, por muitos motivos, entre eles as dimensões do país, e a falta de investimentos na educação em geral e na formação continuada de professores.

A abertura política também foi o momento que propostas relacionadas ao meio ambiente, aos direitos humanos, ao direito das mulheres e a novos paradigmas teóricos, entraram no Brasil.

A preocupação em reformar o ensino abrange a História como ciência, a diversidade cultural, novos métodos de ensino, a mídia, enfim, a sociedade em suas mais diversas manifestações.

Do ensino tradicional ao ensino de estudos sociais até as novas tendências, o ensino de história ainda tem muitos desafios pela frente. Mas, a ampliação do significado da história para além da concepção da história nacional e de seus heróis, incluindo a compreensão de que todas as pessoas são sujeitos participantes dos processos históricos, foi um grande avanço. Só é necessário que essa compreensão esteja ao alcance de todos.

Rüsen (2010) avança em relação ao dito anteriormente. Segundo sua teoria, não somente a sociedade em suas diversas manifestações, deve ser levada para a sala de aula e assim participar do aprendizado. Mas também, o aprendizado deve extrapolar as paredes da sala de aula e se ampliar, para acontecer num espaço epistemológico maior. Cerri (2011, p. 52) interpreta da seguinte forma:

Como essa aprendizagem ultrapassa em muito a sala de aula de história e mesmo a escola, a didática da história acaba assumindo a produção, circulação e utilização social de conhecimentos históricos como seu objeto de estudo [...]. Nesse espaço epistemológico tem condições de permitir que os estudos históricos, e não apenas aqueles pensados a partir da escola, sejam submetidos a uma reflexão didática, ou seja, uma reflexão sobre o que é ensinado.

Dessa forma, a finalidade do ensino de história junto a didática de história seria, além de trazer as demandas e as questões sociais para dentro da escola, fazer com que os estudantes vejam o mundo e seu cotidiano como possibilidades infinitas de aprendizado e ação. Tornaria a escola algo aberto e em constantemente troca com a sociedade.

A televisão ajudaria a transformar a escola em um espaço mais interligado a sociedade, ainda mais hoje em dia, com tantos recursos de mídia diferentes e modernos? Sim, pois a televisão tem uma relação muito forte com a sociedade, se confundindo com esta na medida que faz as pessoas se identificarem com seu conteúdo e sua linguagem. Também é a mídia que maior parte da população brasileira tem acesso.

Vale lembrar que a televisão é gratuita, basta ter um aparelho para acessá-la, diferente de outras mídias, que além do aparelho (computador ou celular), é necessário pagar uma franquia de internet. É por isso que, como citado anteriormente, apenas 47% da população brasileira tem acesso à internet em seus lares, enquanto mais de 97% tem acesso a televisão em suas residências.

Se a consciência histórica está assentada nas experiências mais simples e prosaicas sua ligação com a televisão é óbvia e objetiva por uma série de motivos. São eles:

1. A televisão é um elemento do dia-a-dia. (frequência)
2. Grande número de pessoas assiste televisão todos os dias. (memória e identidade)
3. O conteúdo televisivo é todo expresso em linguagem moderna e acessível.
4. Como dito anteriormente, a televisão busca atingir o patamar simbólico e emocional, o que conquista e atrai as pessoas.

Vamos refletir sobre cada um desses pontos.

(1) A televisão se liga a consciências históricas por estar relacionada aos acontecimentos cotidianos da vida dos indivíduos. Nos registros de lembranças e memórias se mesclam os acontecimentos de um referido tempo com os programas veiculados no mesmo período. Por isso, a televisão participa da criação de continuidade do tempo, fundamental para a constituição da consciência histórica.

(2) A televisão, assistida por um número expressivos de pessoas, passa a fazer parte da interação entre os indivíduos no mundo e permite que cada pessoa tenha informação - não estamos discutindo qualidade ou veracidade - sobre a sociedade que está inserida. Este aspecto gera a ideia de pertencimento a um ou mais grupos. A identidade do indivíduo ou do grupo é influenciada.

(3) A linguagem da televisão é acessível a maioria dos grupos que formam a sociedade. Muitos programas estruturam-se, a partir de pesquisas de assuntos e problemas de interesse da sociedade de forma agradável e prazerosa para estes grupos. Muitas vezes a linguagem ou o comportamento adquirido na televisão passa a integrar os modos ou hábitos de grupos. Existe,

dessa forma, uma troca. A televisão influencia o telespectador e este influencia a produção televisiva.

(4) A televisão atinge a patamar simbólico e emocional, tirando o indivíduo da realidade, nem sempre agradável, que ele vive. A televisão funciona como escapismo.

Os quatro itens relacionados acima se conectam com elementos fundamentais para a constituição da consciência histórica, como identidade, tempo, experiências cotidianas, entre outros. Levar o conteúdo televisivo para a sala de aula permitiria construir uma nova relação entre a televisão e as pessoas. Para que a TV fosse entendida como objeto mobilizado por sujeitos históricos.

Um aspecto muito importante e que as questões apontadas acima não dão conta do aspecto histórico social, isto é, a relação entre a televisão, a história social e a construção de memória. A TV tem papel fundamental na interpretação dos acontecimentos e na sua rememoração ou esquecimento. O exercício de memória e interpretação são exercícios próprios da consciência histórica. Muitas pessoas estão deixando seu exercício de interpretação a cargo da televisão.

A questão aqui é: a interpretação dada pela TV a qualquer acontecimento noticiado segue a orientação, entendida como orientação de sentido da consciência histórica, de quem?

Os elementos e processos da consciência histórica de muitos indivíduos correm o risco de ser reprodução do que é elaborado pela televisão. O nome disso seria manipulação, e não queremos reduzir a televisão somente isso. No entanto é algo a ser levado em consideração ou, ao menos não esquecido.

O que foi dito até aqui corrobora a televisão como elemento da sociedade válido para uso didático no ensino de história com o objetivo de acessar, ampliar e transformar a consciência histórica. Mais do que isso, serve para mostrar a muitos indivíduos que eles têm consciência histórica, são sujeitos históricos e estão inseridos num processo histórico. Este seria o despertar da consciência histórica.

A televisão é uma excelente ferramenta para o ensino de história e a didática da história por ser o mais popular dos meios de comunicação brasileiros. Quase a totalidade dos brasileiros tem acesso a televisão aberta. Seus conteúdos são populares, tanto que se fazem presentes nos meios de comunicação mais modernos, como origem dos principais assuntos nas redes sociais. Vale lembrar que pouco menos da metade da população brasileira tem acesso à internet em casa, e essa parcela com acesso é constituída, majoritariamente, pelas classes média e alta. O

que demonstra que a televisão tem penetração em todas as classes, não somente entre as classes menos favorecidas.

A ligação da televisão com as esferas de poder é largamente comprovada na historiografia, por isso uma postura crítica da sociedade sobre a televisão se torna cada vez mais urgente. Todavia, não se trata de demonizar, mas historicizar a televisão, o que seria suficiente para perceber, em momentos cruciais da história brasileira, sua postura e atuação.

Por fim, a televisão moderniza a escola, por transportar consigo todos os elementos de linguagem, imagens e sons, tão atrativos aos estudantes em geral. E permitir a eles uma visão mais ampla e diversificada da sociedade que estão inseridos.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de história e a didática da história são campos do saber histórico com muitas questões em aberto, até mesmo porque a sociedade está em constante transformação e a escola não funciona fora dela e precisa, portanto, estar em constante processo de transformação e atualização.

Iniciativas ligadas a inovação no ensino e no aprendizado melhoram e transformam a prática cotidiana na sala de aula. Permitem vislumbrar um futuro melhor para crianças e adolescente, ao aumentar seu interesse pela educação e pelo conhecimento.

A televisão, utilizada em sala de aula para despertar, acessar e transformar a consciência histórica dos estudantes, com o apoio de seus recursos próprios e dos métodos e teorias de ensino e de didática da história, também passaria por mudanças ao ver seu público mudando, já que baseia sua programação e linguagem na conquista de seus telespectadores.

**REFERÊNCIAS**

- ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: o esclarecimento com mistificação das massas. Dialética do Esclarecimento. Fragmentos Filosóficos, 1947. Disponível em: Acesso: 30/09/2017
- ARAÚJO; Rejane. BRANDI, Paulo. Embratel [verbete], FGV-CPDPC, 2009. Disponível em: Acesso em 25.09.2017. BOMENY, Helena. A Educação no segundo governo Vargas. FGV-CPDPC, 2017. Disponível em: Acesso:01/10/2017
- BOURDIER, Pierre. Sobre a televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1997. BRASIL. Constituição (1988). Disponível em: Acesso: 07/09/2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia. Brasília, 1997.
- BRASIL. [Plano Nacional de Educação (PNE)]. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125). Disponível em: <[http://www.observatoriopne.org.br/uploads/reference\\_file/439/documento-referencia.pdf](http://www.observatoriopne.org.br/uploads/reference_file/439/documento-referencia.pdf)> Acesso em: 07/09/2017.
- CHOMSKY, Noam. Mídia: propaganda política e manipulação. Tradução, Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013
- CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e consciência histórica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CONTRERAS, José. Autonomia de professores. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012
- FERNANDES, Marina Rossato. Regulação da Televisão no Brasil. SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURA, Setor de Políticas Culturais, 4., 2013, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. Disponível em: Acesso: 15/09/2017
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUIMARÃES, Gláucia. TV e escola: discursos em confronto. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Desafios e rumos da política educacional. FGV - CPDOC Disponível em: Acesso: 01/10/2017
- KARNAL, Leandro et al. História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 6. ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Mapa do analfabetismo no Brasil. Brasília: INEP, 2003. Disponível em: Acesso: 01/10/2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MARTINS, Angela Maria. A educação libertária na Primeira República. Núcleo de Estudos em Educação Brasileira. NEB. UNIRIO. 2008 Disponível em: [http://proferlao.pbworks.com/f/Angela\\_Maria\\_Souza\\_Martins\\_artigo+A+EDUCAÇÃO+LIBERTÁRIA+NA+PRIMEIRA+REPÚBLICA.pdf](http://proferlao.pbworks.com/f/Angela_Maria_Souza_Martins_artigo+A+EDUCAÇÃO+LIBERTÁRIA+NA+PRIMEIRA+REPÚBLICA.pdf). Acesso: 30/09/2017.

MONTALVÃO, Sérgio. Educação na ordem constitucional brasileira: da monarquia à República. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro, n. 11, janeiro-julho de 2011. Disponível em: Acesso: 18/09/2017.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar a televisão na sala de aula. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

NOVAES, Adauto et al. Rede imaginária: televisão e democracia. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. O Direito à Educação na Constituição Federal de 1988 e seu restabelecimento pelo sistema de justiça. Disponível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30315-31270-1-PB.pdf>. Acesso: 18/09/2017.

PALMA FILHO, João Cardoso. A Educação brasileira no período de 1930 a 1960: a Era Vargas. Disponível em: <https://>. Acesso: 01/10/2017.

FREIRE JUNIOR, Olival; PEREIRA, Letícia dos Santos. As doutrinas positivistas de Auguste Comte e Ernst Mach: diferentes posturas em relação ao atomismo no século XIX. XVI Encontro Nacional de Ensino de Química (XVI ENEQ) e X Encontro de Educação Química da Bahia (X EDUQUI) Salvador, BA, Brasil – 17 a 20 de julho de 2012. Disponível em: . Acesso: 18.09.17

PINSKY, Carla Bassanezi et al. Fontes históricas. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

RÜSEN, Jörn. História Viva – Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora UNB, 2010a.

\_\_\_\_\_. Razão Histórica - Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UNB, 2010b.

\_\_\_\_\_. Reconstrução do Passado – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: Editora UNB, 2010c.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLE, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora et al. Jörn Rüsen e o Ensino de História. Paraná: Editora UFPR: 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.70, n.166, 1989. p.435-462. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/educacao8.html>>. Acesso em: 15.09.2017.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

ZICHIA, Andrea de Carvalho. O direito à educação no Período Imperial: um estudo de suas origens no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo, 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/Susgoulart/Downloads/DissertacaoAndreaZichia%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Susgoulart/Downloads/DissertacaoAndreaZichia%20(1).pdf)> Acesso em: 15.10.2017.